

implicações na obra de Freud, dedicando ainda uma parte do seu artigo à pervivência do conceito na literatura pós-freudiana e às novas psicopatologias do Narcisismo.

Victoriano Peña Sánchez, em “Narcisismo y literatura en la Italia del siglo XX” (pp. 215-235), partindo das premissas de que, no século XX, se assiste ao desenvolvimento científico e à perda da centralidade do indivíduo face ao objecto, reflecte sobre o «(...) alcance o la dimensión de la particular *metapoiesis* del siglo XX (...)» (p. 215), ou seja, a capacidade de criação e manifestação de uma atitude activa de pensar e interpretar a realidade em termos mitológicos. Para obviar a esta perspectiva, VPS analisa, de forma consistente, composições de Giuseppe Ungaretti, Umberto Saba e de Pier Paolo Pasolini e referencia ainda Eugenio Montale.

Francisco José Salvador Ventura, em “El narcisismo creativo de un gran cineasta: Ocho y medio de Federico Fellini” (pp. 237-248), oferece à obra um ensaio centrado em *Oito e meio*, uma das peças maiores do realizador e que se sustenta em uma busca «en el interior del individuo» (p. 238), na qual se misturam sonho e realidade, fantasia e ficção, para «elaborar un retrato de la situación de *confusión* en la que vive el hombre contemporáneo, cuya aceptación por el propio sujeto resulta imprescindible para poder proseguir con equilibrio su periplo vital» (p. 239). O autor realça ainda o contributo da psicanálise para a criação do filme e centra a sua análise nos tópicos que lhe dão forma e sentido (os *flashbacks* e a relação com o passado, a omnipresença do elemento feminino, o *alter-ego*, a imaginação ou projecção para o futuro) para concluir, a partir das reflexões finais oferecidas pelo filme, que nele se cria um auto-retrato narcísico, ou seja, «(...) un Narciso cuya identidad es la recrearse mirándose en él mismo, en su creación.» (p. 248).

Em “Eco toma la palabra: la poesía de Elena Martín Vivaldi” (pp. 249-261), Concepción Argente del Castillo Ocaña analisa, sob o prisma da ‘escrita feminina’, a figura e a obra de Elena Martín Vivaldi, traçando as origens históricas de um movimento que retira a autora do cânon do esquecimento e a traz para os campos da análise e da crítica. De seguida, C.A.C.O. detém-se nas composições centradas em Eco e em Dafne, nas quais analisa, de forma articulada, os temas, a sua relação com o mito e as modificações de que são alvo, em conjugação com elementos próprios do quadro estético da autora.

A obra em apreço inclui ainda Referências Bibliográficas (pp. 265-280), e dois Apêndices: “*Ramillete* de Narcisos: Fuentes grecolatinas, veinte poemas Y un caligrama” (pp. 283-315) integra uma colectânea de textos que versam o mito de Narciso e que constituem uma mais-valia para o conhecimento da obra; “*Imágenes*” (pp. 317-332) inclui um conjunto seleccionado de reproduções de obras de arte que, directa ou indirectamente, versam o tema.

Em conclusão, a obra editada por Minerva Alganza Roldán constitui-se como uma notável colecção de ensaios que oferece ao leitor uma perspectiva plural e alargada, sistemática e sistematizadora, de um dos mais significativos mitos clássicos e da sua pervivência. Considera-se, por isso, uma obra de referência, não apenas essencial aos estudos sobre o mito específico de Narciso, mas também um modelo para a investigação que intenta perspectivas interdisciplinares e pluridisciplinares. Lamentamos apenas – mas poderão os autores considerar, evidentemente, que é um lamento suspeito – a inexistência de um ensaio, na colectânea, sobre Narciso na literatura portuguesa.

CLÁUDIA TEIXEIRA

GIUSEPPE SQUILLACE, *Il profumo nel mondo antico*, com la prima traduzione del “*Sugli odori*” di Teofrasto, Prefazione di Lorenzo Villoresi, Firenze, Casa Editrice Leo S. Olschki, 2010. XX + 280 pp. ISBN: 978 88 222 5983 7.

O tratado *Sobre os odores* de Teofrasto não tem sido objecto de muitos estudos. Em *Il profumo nel mondo antico*, Squillace apresenta a primeira tradução em italiano desta obra. A situação italiana reflecte um panorama mais alargado, porquanto apenas a colecção de textos clássicos da Loeb integra uma tradução desta obra, incluída no volume da *História das Plantas*, de Arthur F. Hort (*Theocritus. Enquiry into Plants and Minor Works on Odours and Weather Things*, vol. II, with an English translation, London, 1916;

reed. 1961). De referência é a edição entretanto publicada, de Eigler e Wohrle (*Theophrast. De Odoribus*, Edition, Übersetzung, Kommentar, mit einem botanischen Anhang von Bernhardt Herzhoff, Stuttgart, 1993), seguida por Squillace.

Há diversas traduções das obras mais longas de Teofrasto que chegaram aos nossos dias (*Metafísica, Caracteres, Causas das Plantas e História das Plantas*); é, no entanto, de estranhar o aparente esquecimento deste tratado, a avaliar pela importância que tem no âmbito dos Estudos Clássicos, bem como para a actividade do perfumista. Com efeito, Teofrasto levanta problemas ainda muito actuais na perfumaria dos nossos dias, no que diz respeito aos ingredientes naturais. A título de exemplo, o tratadista refere-se ao facto de uma substância com os mesmos componentes poder ser diferente de cada vez que é obtida; segundo Teofrasto, esta situação está dependente da estabilidade da estação, que pode tornar mais ou menos intensos os seus odores, e da época da recolha das substâncias, que pode ser antes ou após a sua maturação (*Sobre os odores*, 37). Além disso, não deve ainda ser desvalorizado o facto de, na sua época, este tratado ter constituído uma inovação relativamente à simples repartição em odores feita por Platão (“agradáveis” e “desagradáveis”, *Timeu*, 67 a) e seguida por Aristóteles (*Da Alma*, 421 a – 422 a) (pp. IX-X e 9). A tradução, acompanhada pelo grego, é antecedida por uma introdução que contempla uma breve explanação da vida do autor, discípulo de Aristóteles, e ao valor deste tratado. Quanto às considerações sobre o tratado, parece-me de relevo a proposta de Squillace que considera plausível a sua introdução no livro VIII da obra *As causas das plantas*; o autor segue as perspectivas de Regenbogen (s. u. “Theophrastus” (3), *RE*, suppl. VII, 1940, coll. 1354-1562) e de Thompson (*Theophrastus on plant and flavours. Studies on the philosophical and scientific significance of De causis Plantarum VI*, Princeton, 1941), salientando a justeza do argumento de Thomson, que se fundamenta num passo de *As causas das plantas* (VI, 7, 6), onde Teofrasto anunciava previamente a sua pretensão de retomar adiante o efeito das substâncias perfumadas sobre o vinho (pp. 4-5).

Squillace propõe-se assim, com a presente tradução, valorizar um tratado quase desconhecido quer entre universitários e quantos se dedicam à perfumaria, quer entre o público em geral. Não menos importante é a intenção de valorizar um aspecto da vida e da percepção do mundo, cujo poder não lhe passa despercebido. A ideia de dar voz no prefácio à apreciação do perfumista florentino Lorenzo Villoresi indicia também a sensibilidade de Squillace. A importância desta iniciativa deve-se ao facto de a perspectiva de Villoresi ser capaz de compreender como, numa época em que o homem se pergunta sobre as origens dos diversos fenómenos que desconhece, os aromas, os perfumes e odores poderiam aparecer como um dos modos de manifestação do ser. Em sintonia com esta perspectiva, ao iniciar as suas premissas (*Premesse*, pp. XVII-XX), Squillace dá o mote com uma citação do romance *Das Parfum* de P. Süskind: “os homens podiam fechar os olhos diante da grandeza, diante do horror, diante da beleza e tapar os ouvidos às melodias ou palavras sedutoras. Mas não podiam subtrair-se ao perfume. Pois o perfume era irmão da respiração. Com isso penetrava nos homens, a isso não podiam resistir se queriam viver...”. A obra de Squillace é, pois, mais vasta do que o já largo projecto de tradução de um texto antigo. Porque o odor irrompe sem o consentimento e a preparação prévia do homem, a filologia e as suas exigências de rigor e cálculo em tudo se lhe opõem, porquanto nos situam num plano de percepção (adequado e necessário à transmissão e interpretação do texto) em tudo avesso ao imediato, ao arroubo e à violência intrínseca a quanto se situa entre o prazer e a dor, a alegria, o amor e a morte. Julgo que a presença rarefeita desta dimensão na abordagem ao mundo antigo se justifica, na medida em que na Antiguidade ela acompanha uma dimensão essencial da vida humana que o século XX em particular debilitou. Na Antiguidade, todo o significado dado à vida humana é construído mediante uma ligação essencial do homem aos deuses, que, não raro, se manifesta ou concretiza num contexto de ritual, onde o perfume, ou, em alguns casos, certos odores constituem justamente o elo dessa ligação do homem à divindade. A palavra latina que dá nome à obra de Squillace – *per-fumum* – designa, precisamente, o fumo proveniente das ofertas dirigidas aos deuses. Neste aspecto, Afrodite foi, segundo o próprio autor, uma referência (p. 64). O testemunho da *Eneida*, I, 415-417, indica que a deusa partira para Pafos, onde tem a sua morada e onde os altares aquecem com incenso de Sabas. É, em meu entender, na consciência da importância desta dimensão essencial do homem que o autor de *Il Profumo nel Mondo Antico* propõe uma obra dividida em duas partes, de modo a que a tradução do

tratado de Teofrasto possa ser devidamente integrada no seu contexto. O estilo de muitos dos tratados de Teofrasto justifica-se plenamente pela sua relação próxima com Platão e Aristóteles. Como em outras obras do filósofo, a preocupação de classificar as coisas agrupadas de acordo com os seus tipos naturais está presente também em *Sobre os odores*. O tema é que poderíamos pensar, para a época, como proposta exótica que apenas se justificaria no contexto das conquistas de Alexandre Magno, que obrigaram a um olhar para o exterior, onde, entre outros aspectos, se torna possível o contacto com uma maior diversidade de plantas. De facto, o tratado de Teofrasto constitui a primeira sistematização sobre o tema. Algumas referências encontravam-se já em Aristóteles e mesmo em Platão, mas nunca o tema fora objecto de um tratado específico. Julgo, em todo o caso, que, além das conquistas de Alexandre, o facto de vários aspectos da vida quotidiana dos Gregos serem acompanhados de substâncias perfumadas justifica, nesta altura, o aparecimento de um tratado, quando por certo culminara um saber relativo à sua preparação gradualmente construído ao longo de séculos.

Deste modo, após a tradução do tratado de Teofrasto, que constitui praticamente a totalidade da primeira parte da obra, na segunda, é apresentada uma panorâmica do tema. A segunda parte é assim constituída por duas secções principais: uma mais breve, “L’ arte della profumeria” (pp. 63-74), e uma mais longa, que efectivamente justifica o título da obra: “I profumi nel mondo antico” (pp. 75-208). Na primeira, é valorizada a ideia de uma ligação, perceptível em muitos textos antigos, entre os deuses, a beleza, a frescura da juventude, os amores e o perfume. Esta exposição está dividida em várias subsecções, sendo mais extensa a que é dedicada à ligação entre o mito e o perfume. São referidos diversos exemplos de figuras míticas como a de Mirra. Tendo-se apaixonado pelo próprio pai, esta rapariga, por meio de um dolo arquitetado pela ama, uniu-se-lhe, concebendo um filho; transformada na árvore de mirra, gerou, de uma fenda da sua pele de cortiça, um menino: Adónis era belíssimo e perfumado com as lágrimas de resina fragrante. Ainda nesta secção, após a referência a outras figuras míticas metamorfoseadas em plantas, o autor trata da importância do perfume na ligação dos homens aos deuses, lembrando o passo da *Iliada* (XXIII, 184-187) onde Afrodite cobre o cadáver de Heitor com óleo de rosas para que não fosse destruído por Aquiles. Neste contexto, Squillace infere que este uso do perfume e o seu significado se encontram na dependência do seu emprego em ritual religioso de oferta aos deuses. Mas neste âmbito caminhamos porventura em terreno arenoso. Pela perspectiva de Squillace deduz-se que a aplicação de substâncias perfumadas no corpo dos homens é posterior à sua primeira presença em rituais religiosos como dádiva aos deuses (na Grécia e na História da humanidade em geral). Julgo, porém, que dispomos de poucos elementos para podermos fazer esta inferência. No contexto da Grécia, os textos que nos chegam apresentam os dois usos em simultâneo. Esta razão não é suficiente, mas o nosso conhecimento sobre a relação do homem com a divindade assenta em certos aspectos sobre um imenso vazio. Não sabemos – nem poderíamos – de que modo uma primeira ideia ou ideias daquilo que designamos como θεός/*deus* irrompe no espírito humano. Deste modo, dificilmente poderíamos garantir que o gesto de envolver o corpo humano de um morto com óleos perfumados procura *imitar* uma imortalidade previamente esboçada numa primeira e incipiente ideia de deus. Na verdade, nada obsta a que este gesto possa ser interpretado como primeiro, exprimindo um desejo de reactivar a anterior condição do homem morto, a sua cor e vida de outrora, e que a partir daqui se gere um sentimento que poderia conduzir o homem ao esboço de uma divindade. A isto acresce a impossibilidade de se dizer qual é a fronteira a partir da qual podemos designar como θεός esse esboço de indizível e transcendente que é recebido (e/ou concebido no) pelo espírito humano. Outros aspectos são tratados nesta secção, em registo breve: “Il linguaggio tecnico del mondo degli aromi” (breve referência ao âmbito de uso do substantivo ὀδμή, cujo significado não implica conotações positivas ou negativas, e a um conjunto de outros termos de conotação positiva, como μύρον, ἄρωμα, διάπασμα, χρίσμα e θυμίαμα; “La creazione del profumo”; “Fraganze alla moda”; “La conservazione dei profumi”).

A segunda secção da segunda parte é constituída por uma recolha de passos extraídos de obras da Antiguidade, em parte seleccionados pelo autor em função dos argumentos aduzidos no tratado *Sobre os odores*. Tendo em consideração a origem de Teofrasto, é dada mais relevância aos autores gregos; não obstante, também alguns autores latinos, como Ovídio e Plínio-o-Velho, se encontram representados nesta pequena antologia temática.

A presença do poeta Ovídio compreende-se devido à importância dada pelo autor aos mitos de metamorfose. Os excertos estão organizados em vinte e três categorias distintas correspondentes a diferentes perspectivas sobre o perfume. Nas três primeiras – “La toeletta di Era”, “Le dimore di Calipso e Persefone” e “I profumi nei lirici Greci” – fica reflectida a ideia valorizada por Squillace de uma ligação das ideias de beleza, frescura da juventude e dos amores ao perfume. Nas três categorias, são abundantes excertos da poesia grega arcaica que corroboram com propriedade esta perspectiva: Homero, Arquíloco, Safo, Xenófanes, entre outros. O ângulo de apresentação é todavia mais vasto. Em aparente oposição às três primeiras, na quarta categoria – “Legislatori, città e filosofi contro i profumi” – são apresentados excertos de prosadores como Ateneu, que testemunha, por exemplo, as leis de Sólon que proíbem os homens de vender perfumes, ou a atitude de Sócrates relativamente ao seu uso. Na quinta, amplos excertos de Platão e Aristóteles testemunham a presença do perfume na reflexão filosófica. Outras categorias vão desde os vinhos aromáticos à dos perfumes e a medicina, ou à dos perfumistas famosos. Categorias como “Profumo e morte” (18), ou “Profumi e mito” (9), onde são abundantes os excertos de Ovídio, atestam a importância dos aspectos valorizados por Squillace na secção introdutória à segunda parte.

Entre as páginas 211-238, são fornecidas várias tabelas para elementos como as plantas, numa linha de correspondências variadas de outros elementos como proveniência (local), parte usada na perfumaria, parte usada na medicina. Para outros elementos, como os próprios perfumes ou as substâncias de que são feitos, são apresentadas tabelas semelhantes.

A obra de Squillace, cuidada tanto no que diz respeito ao rigor filológico quanto na elegância da sua apresentação, interessa, pois, tanto a helenistas especialistas em Teofrasto ou dos Estudos Clássicos em geral, como a quantos se dediquem à perfumaria, mas também a um público mais vasto.

MARIA MAFALDA DE OLIVEIRA VIANA

BÉNÉDICTE DELIGNON-YVES ROMAN (Org.), *Le poète irrévérencieux. Modèles hellénistiques et réalités romaines*, Actes de la table ronde et du colloque organisés les 17 octobre 2006 et 19 et 20 octobre 2007, à Lyon, Paris, Librairie De Boccard. 2009, 433 pp. ISBN: 978-2-904974-34-2.

O título da obra situa de imediato o leitor num contexto propício à abertura de um espaço de relação entre o poeta e o poder. Neste caso, a reflexão é alargada ao intervalo que decorre entre o período helenístico e a latinidade tardia. Esta opção parece-me adequada, na medida em que permite considerar a possibilidade de um denominador comum a diferentes épocas compreensivo do fenómeno aparentemente paradoxal da sobrevivência do poeta irreverente num espaço de acção de um poder que, por um lado, não favorece a liberdade da palavra, mas por outro protege certos poetas, como é o caso do Império de Augusto. Além disso, propicia a percepção de movimentos de continuidade entre diferentes contextos, aspecto importante se considerarmos que a linguagem de relação do poeta com o poder é também ela uma linguagem de diálogo com formas linguísticas anteriores que modelam o seu pensamento.

A obra, que contém um conjunto diversificado de comunicações de modo a abarcar a complexidade deste contexto político e ideológico, tem origem numa mesa redonda e num colóquio realizados, entre 2006-2007, em Lyon, onde se reuniram estudiosos das áreas da História e Filologia, com o objectivo de discutirem sobre a margem de liberdade que durante este largo período era dada ao poeta. A questão é controversa. Por um lado, é inegável que, por exemplo, o contexto político do Alto Império deixa pouco espaço para a irreverência; por outro, é evidente nos poetas elegíacos a valorização de aspectos que claramente se opõem ao programa de reestruturação moral de Augusto, quer porque defendem ideais como os da *inertia* ou a *paupertas*, quer porque valorizam o erotismo feminino; ou então, é um poeta como Vergílio, que critica a expropriação de terras de que